

## Duas teorias realistas para a interpretação da semântica dos mundos possíveis

Renato Mendes Rocha<sup>1</sup>  
mendesrocha@gmail.com

**Resumo:** O discurso a respeito dos Mundos Possíveis pode ser uma ferramenta bastante útil para a filosofia. Pode ser útil, por exemplo, para a compreensão das modalidades, da necessidade e da possibilidade. No entanto, para utilizar o discurso dos Mundos Possíveis devemos ter uma explicação satisfatória do caráter ontológico da Semântica dos Mundos Possíveis. Para isso, precisamos responder a questões do tipo: O que é um Mundo Possível? De que forma eles existem? Em quantos Mundos Possíveis podemos falar? Há diversas formas de responder a estas perguntas. Neste trabalho pretendemos apresentar duas teorias que possuem uma abordagem realista para a noção de Mundo Possível. Cada uma dessas teorias atribuiu um caráter ontológico diferente para a noção de Mundo Possível e, portanto, uma metafísica diferente. A primeira delas é o Realismo Modal Extremo, teoria atribuída a David Lewis que defende a existência genuína de uma pluralidade de Mundos Possíveis. A segunda teoria é a teoria combinatória da possibilidade de David Armstrong. Essa teoria é uma versão das teorias do atualismo modal que também são teorias realista em relação à existência de mundos possíveis, mas que dão prioridade ao mundo atual. Por fim, pretendemos comparar as duas teorias e avaliar qual é mais vantajosa levando em consideração o custo ontológico de cada uma delas, (i.e., em relação ao número de entidades postuladas) para termos uma metafísica mais econômica.

**Palavras-chave:** mundos possíveis; realismo modal; atualismo modal;

---

<sup>1</sup>Renato Mendes Rocha é bacharel em Filosofia pela UFG. Atualmente é aluno do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Filosofia da UFG.

Divers (2002, p. 18) diz que temos pelo menos três aplicações para o discurso a respeito dos Mundos Possíveis. A primeira é uma aplicação semântica, que nos fornece uma maneira para interpretarmos o valor de verdade de sentenças da nossa linguagem que possuem a expressão mundo possível. A segunda aplicação está relacionada à ontologia, pois o discurso a respeito dos mundos possíveis pode nos fornecer uma explicação satisfatória para o conjunto de entidades intencionais. Por fim, a terceira aplicação é conceitual, pois nos fornece uma explicação para os conceitos de possibilidade e necessidade.

Todavia, para falar em mundos possíveis, precisamos saber o que são os mundos possíveis. Dessa forma, neste artigo pretendemos apresentar duas interpretações diferentes para o caráter ontológico dos Mundos Possíveis. De que forma podemos construir uma teoria metafísica que inclua essas entidades que chamamos de mundos possíveis, e qual será o modo de existência dessas entidades em nossa teoria?

Para responder a essas perguntas encontramos pelo menos duas teorias, que podem ser classificadas segundo Armstrong (1989, p. 4) em dois tipos. O primeiro tipo são as teorias leibnizianas, que consideram que apenas um dos mundos possíveis é atual, e esse é o mundo em que nós vivemos. O segundo tipo são as teorias lewisianas, que considera que todos os mundos possíveis são, de seu próprio ponto de vista, atuais, mesmo que sejam meramente possíveis a partir do ponto de vista dos outros mundos possíveis. Lewis (1986) está a introduzir o que Armstrong (1989, p. 4) chama de uma certa forma de igualitarismo a cerca dos mundos possíveis. Por isso, podemos dizer que Lewis defende

uma teoria indexical da atualidade. De alguma forma todos os mundos possíveis são atuais, mas apenas atuais para os habitantes desse mundo. O nosso mundo é atual para nós que o habitamos. Um mundo não-atual  $m_2$  é apenas possível para nós, mas é atual para os habitantes de  $m_2$ .

Lewis (1986) chama as teorias leibnizianas de teorias *ersatz*<sup>2</sup>. As teorias *ersatz* são aquelas que procuram utilizar o discurso a respeito de mundos possíveis para falar a respeito do conceito de possibilidade, mas preferem dar algum caráter abstrato para os mundos possíveis, e não aceitam, tal como Lewis, a existência genuína de mundos possíveis. Assim, o nosso trabalho transitará entre duas importantes teorias acerca dos mundos possíveis. A teoria do realismo modal de David Lewis e a teoria combinatória da possibilidade de David Armstrong.

### **A teoria do realismo modal de David Lewis**

O mundo, tal qual o conhecemos, poderia ter sido diferente. Isto é, as coisas que acontecem no mundo, poderiam ter acontecido de forma diferente. A todo o momento estamos submetidos a possibilidades de escolha. A semântica dos mundos possíveis é uma teoria para podermos interpretar o que estamos querendo dizer, quando dizemos, por exemplo:

Goiânia poderia ter sido eleita para sediar a Copa do Mundo;

---

<sup>2</sup>Por enquanto mantemos o termo original em inglês por não encontrar ainda uma tradução adequada deste termo para o português.

ou

Agora eu poderia estar vestindo uma camiseta amarela.

O que frases desse tipo afirmam não são verdadeiras no mundo atual, mas representam uma possibilidade do modo com as coisas poderiam ter acontecido. É dessa forma que David Lewis define o que é um mundo possível. Para ele, um mundo possível é simplesmente uma maneira como as coisas poderiam ter acontecido.

### **Problemas no realismo extremo de Lewis**

Antes de tudo, é importante ressaltar que Lewis afirma o seu realismo modal é como uma hipótese metafísica. Por este motivo, ele se exime do ônus de uma prova empírica de sua teoria, e uma boa razão para ele defender isso é a impossibilidade epistêmica de termos acesso aos mundos possíveis não-atuais. Mesmo que seja apenas uma hipótese, Lewis considera uma hipótese bastante plausível, pois trata-se uma teoria simples e que pode alcançar numerosos benefícios filosóficos.

Um ponto central no realismo modal de Lewis é a idéia de todos os mundos possíveis existem da mesma maneira que o nosso mundo existe. A sua existência é genuína, são reais nesse sentido, não são um conjunto de entidade linguística, tampouco histórias de livro de ficção. Mesmo que nós não consigamos alcançá-los, ou seja, mesmo que não seja possível estabelecer uma relação causal entre mundos, para Lewis, eles existem. A inexistência de relação causal intra-mundana é importante, pois Lewis entende um mundo como uma continuidade

que existe espaço-temporalmente. Desta forma, os mundos possíveis não-atuais também formariam uma continuidade espaço-temporal.

Um problema nessa perspectiva é o problema do isolamento dos mundos possíveis. Ele pode ser formulado da seguinte maneira. O espaço existe e é infinito, ou seja, não há uma barreira que delimite o fim do espaço. Considerando que cada mundo possível possui um estrutura espaço-temporal própria, então para conceber a existência de uma pluralidade de mundos possíveis, precisamos conceber a existência de uma certa descontinuidade no espaço físico. Isto quer dizer que, se os mundos possíveis existem e são isolados um dos outros, então deveria haver uma estrutura espaço-temporal em que uma parte desse espaço pertença ao mundo  $m_1$ , e uma outra parte desse espaço que pertença ao mundo  $m_2$ . Mas, para isso deveria existir algo como um não-espaço dentro do espaço que separaria estes dois mundos. Isto nos parece estranho e contraditório.

### **A teoria combinatória da possibilidade de Armstrong**

Alguns dos conceitos fundamentais para se compreender a teoria combinatória da possibilidade de Armstrong podemos encontrar no *Tractatus* de Wittgenstein, como as noções de fato, objeto, propriedade, estado-de-coisas.

David Armstrong é considerado um realista em relação aos mundos possíveis, ou seja, ele aceita a postulação de entidades nomeadas de mundos possíveis. Todavia, em contraste com o realismo de Lewis, a posição de Armstrong está entre aquelas teorias consideradas

como atualistas. As teorias atualistas são aquelas que atribuem uma importância maior do mundo atual, perante os mundos não-atuais. O mundo atual existe de uma maneira diferente da maneira que os mundos não-atuais existem. A relutância está em aceitar que os mundos contingentemente não atuais, sejam mundos genuínos, tais e quais o nosso mundo é. Essa é uma forma de realismo modal que procura beneficiar-se da semântica dos mundos possíveis, mas que tem uma posição ontológica mais moderada. O custo ontológico (o número de entidade postuladas) é consideravelmente menor.

Dessa forma, o atualismo modal aceita a existência de uma pluralidade de mundos possíveis. Todavia para as teorias atualistas apenas um mundo possível existe atualmente, e para cada mundo possível não-atual existe uma entidade que é idêntica a este mundo.

Cada uma das versões do atualismo modal se diferencia principalmente pela concepção que cada uma tem de mundo. Para a teoria combinatória, o mundo atual é uma continuidade espaço-temporal, ou ainda, as coisas que acontecem, e os mundos possíveis são uma forma como o mundo poderia ter acontecido.

Os elementos básicos da ontologia da teoria combinatória são o seguinte:

i) Universais (ou seja, propriedades e/ou relações): são certos atributos dos indivíduos;

ii) Instanciação (de propriedades por indivíduos): é o ato de gerar instâncias (ou exemplos) de indivíduos a partir de uma dada propriedade;

iii) Indivíduos: objetos dos quais podemos instanciar propriedades;

iv) Estados de Coisas: uma propriedade que seja válida para um ou mais indivíduos.

A partir dessa ontologia básica, podemos captar o ponto essencial da teoria do Armstrong. Quaisquer das propriedades do mundo atual podem ser recombinadas em instâncias com outros indivíduos. Essas combinações são para Armstrong aquilo o que mundos possíveis são para Lewis.

Dessa forma, firmamos o pé no mundo atual e todos os mundos passam a ser possíveis, mas só são possíveis a partir dos elementos (indivíduos e propriedades) existentes no mundo atual. Sendo assim, torna-se clara a prevalência do mundo atual sob os outros mundos possíveis. As coisas que existem no mundo atual funcionam como fronteiras, limite demarcador daquilo que é possível.

Se uma situação pode ser concebida em um mundo possível, ela pode acontecer, vir a ser o caso, no nosso mundo atual. Além disso, Armstrong define uma base combinatória para sua teoria, formada por infinitas propriedades e por infinitos indivíduos do qual podemos instanciar essas propriedades. Temos por exemplo uma base combinatória B:

$$B = \{P_1, Q_1, \dots P_2, Q_2, \dots P_i, Q_i, \dots, a, b, c, \dots\}$$

A partir dessa base combinatória podemos definir um conjunto combinatório R:

$$R = \{ \langle P_1, a \rangle, \langle P_1, b \rangle, \langle Q_1, a \rangle, \langle Q_1, b \rangle \dots \langle P_2, a, b \rangle, \langle P_2, b, a \rangle \dots \langle P_i, a, b, c \dots a_i \rangle \dots \}$$

A partir desse conjunto R podemos definir estados de coisas simples como todos e somente os membros de R. Assim, mundos possíveis são todos e somente os subconjuntos de R, e o mundo atual é o subconjunto de R cujos membros são apenas os estados de coisas válidos. Um estado de coisas é válido se, e somente se, a sequência relevante de indivíduos instancie a propriedade relevante.

### **Considerações finais**

Por fim, ressaltamos que o nosso trabalho ainda não chegou a conclusões definitivas. Em relação às duas teorias apresentadas, por um lado, consideramos que a teoria de Lewis possui um poder explicativo sobre problemas em filosofia, mas ao mesmo tempo pressupõe uma ontologia que poucos estão dispostos a aceitar, devido ao grande número de entidades que precisamos postular. Por outro lado, do ponto de vista ontológico, a teoria de Armstrong é mais interessante, porém ainda não estamos certos das vantagens explicativas e da clareza conceitual que esta teoria pode trazer para questões filosóficas. Esperamos alcançar resultados mais conclusivos à medida que formos desenvolvendo o trabalho de pesquisa para redação do texto de nossa dissertação de mestrado.

## Referências

ARRUDA, José Maria. “Mundos Possíveis: realismo modal extremo e atualismo”. In: ALMEIDA, Custódio Luis Silva de.; IMAGUIRE, Guido; OLIVEIRA, Manfredo Araújo de (orgs.). *Metafísica Contemporânea*, Editora Vozes, 2007, pp. 351-375.

ARMSTRONG, David M. *A combinatorial theory of possibility*. Cambridge Studies in Philosophy. 1989.

DIVERS, John. *Possible Worlds*. Routledge. 2002.

LEWIS, David. *On the Plurality of worlds*. Blackwell Publishing. 1986.